

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cultura é o nome daquilo que as pessoas estão interessadas, seus pensamentos, seus modelos, os livros que elas leem e os discursos que ouvem, suas conversas à mesa, fofoca, controvérsias, senso histórico e formação científica, os valores que apreciam, a qualidade de vida que admiram. Todas as comunidades têm uma cultura. É o clima de sua civilização. (Lippmann, 1982, p. 385, tradução nossa)

Nesta obra, pretendemos demonstrar a comparação entre as culturas dos cuidados maternos veiculadas pelos dois meios de comunicação: o do rádio na Inglaterra no pós-Segunda Guerra e o das mídias digitais no Brasil na contemporaneidade.

No decorrer da pesquisa, pudemos observar as seguintes diferenças entre as palestras radiofônicas de Winnicott e o grupo de mães do Facebook:

QUANTO AO TIPO DE ÉTICA

- Ética do cuidado nas palestras radiofônicas;
- Ética do compartilhamento/do desabafo e do consumo no grupo de mães.

Como vimos no Capítulo 3, por meio de suas palestras radiofônicas, Winnicott transmitia uma ética do cuidado, preocupando-se em dar um apoio às mães na criação de seus filhos, fazendo-as refletir sobre seus comportamentos e reforçando suas qualidades.

No grupo de mães do Facebook, verificamos uma outra ética, que denominamos como ética do compartilhamento, ou do desabafo, ou da exibição.

No grupo do Facebook, as mães compartilham informações, dúvidas e angústias sobre a maternidade, fazem desabafos, depoimentos das dificuldades cotidianas em lidar com seus filhos, desde bebês até os mais crescidos, e se submetem à lógica da exibição de si.

Como muito bem abordado por Bauman (2008), há um impulso das pessoas, independentemente da idade, de exibir publicamente o seu eu interior, a sua intimidade.

Antes, a vida interior do indivíduo, a intimidade representava algo a ser preservado para as pessoas mais próximas ou para aquelas com quem se tinha uma relação afetiva. Atualmente, observamos que os que resguardam sua intimidade são invisíveis e excluídos socialmente. Há uma exposição física, social e psíquica socialmente aceita e banalizada.

A exibição das mães feita na internet normalmente corresponde àquilo que gostariam de ser ou à fantasia que têm de como os outros gostariam de vê-las. E, assim, há uma imagem virtual fabricada, editada e falsificada das mães, diferentemente da apresentada por Winnicott, que propunha a espontaneidade destas.

QUANTO AO TIPO DE COMUNICAÇÃO COM AS MÃES

- Empatia (de Winnicott) com as mães ouvintes da rádio.

Observamos em todas as palestras a capacidade de Winnicott de se identificar com as mães, compreender as suas necessidades, incentivando-as a assumir as próprias habilidades e capacidades de serem mães.

- Julgamentos e críticas (entre as mães) nas mídias digitais.

De outra parte, apesar de muitos comentários apresentarem palavras de acolhimento e compreensão, notamos também que julgamentos e críticas são muito frequentes no grupo de mães do Facebook. Uns são mais evidentes, como: “Vcs tem um tempo só pra ele? Tipo, vc fica com o pequeno e o pai vai ficar com ele, tomar banho com ele, jogar um joguinho com ele. Depois o pai fica com o pequeno e é a sua vez de tirar uma horinha só pra ele”. Outros são disfarçados de consideração, porém contêm julgamentos implícitos, como: “Toda vez que leio, histórias de amamentação é lindo demais. Amamentar é um ato político, é informação, é persistência. Lindo demais, por aqui estamos chegando aos 3 anos de amamentação em LD. Estamos juntas nessa!”.

Quanto ao saber do outro [sub1]

- No rádio: um especialista em psicanálise (Winnicott).

No rádio, a cultura dos cuidados maternos era transmitida por um médico, pediatra, psicanalista, um profissional da área da saúde com conhecimentos teóricos e práticos devido à sua experiência clínica.

Seu modo de falar à audiência corresponde à atitude ética da psicanálise: de respeito ao outro e ao saber intuitivo da mãe devotada comum. Não privilegiava a transmissão de conhecimentos técnicos ou adotava um tom professoral.

- Nas mídias digitais: experiência de um igual (senso comum).

Nas mídias digitais, especialmente no grupo de mães do Facebook, verificamos um conjunto de mães que trocam experiências entre si, com outras mães, na maioria das vezes desconhecidas. Trata-se de uma interação eletrônica entre iguais, que se juntam para falar sobre um tema comum: a maternidade. Não há uma autoridade de saber no grupo. Todas as mães possuem igual direito de manifestação e expressão. Todavia, não há a preocupação de divulgarem informações com base científica, mencionando fontes. É uma conversa de achismos e opiniões.

QUANTO AO TEMPO

- No rádio: hora marcada.

Os programas do rádio em que Winnicott apresentava suas palestras eram previamente agendados e respeitavam a programação da BBC de Londres, com horário e tempo de duração definidos.

- Nas mídias digitais: tempo real.

O grupo de mães do Facebook funciona em tempo real. Qualquer mãe pertencente ao grupo pode formular uma questão ou um comentário a qualquer hora do dia. Após formulado o *post*, ele é avaliado por uma das mediadoras do grupo antes de ser publicado. Na sequência, estará disponível para qualquer mãe do grupo responder ou comentar.

QUANTO À EXPRESSÃO DA MULHER

- No rádio: participação como ouvinte e locutora de acordo com uma programação previamente planejada; contribuição de suas falas para o trabalho de Winnicott.

Apesar de o rádio ter sido um veículo muito importante para a introdução da mulher na sociedade, ainda assim a participação da mulher era reduzida a ser ouvinte ou locutora, conforme as programações com datas e horários fixos.

Todavia, foi a partir da fala das mulheres-mães, seja de atendimentos clínicos ou de grupos de mães, que Winnicott elaborou várias de suas palestras.

- Nas mídias digitais: oportunidade de dar voz aos seus sentimentos e angústias.

Nas mídias digitais, observamos uma maior expressividade das mães e das mulheres em geral ao manifestar seus desejos, fazer suas reivindicações, compartilhar sentimentos e angústias, que sempre foram tão reprimidos pela sociedade em geral.

Assim, podemos afirmar que as palestras radiofônicas possibilitavam às mães o pensar, encorajando-as a serem mães. Incentivavam-nas a estarem disponíveis para o filho. Divulgavam o cuidado suficientemente bom. De certa maneira, Winnicott tranquilizava as mães com suas palavras de cuidado.

A maternidade por si só é um estado que normalmente gera angústias e dúvidas. Temos observado que atualmente há uma ansiedade materna em obter uma resposta imediata para as questões. E o funcionamento das mídias digitais contribui para o aumento da ansiedade das mães, na medida em que se comparam com outras mães e tentam cumprir um ideal de maternidade impossível. Sabemos, também, que o bebê precisa de experiências calmas, sentir-se amorosamente acolhido, sem pressa, sem impaciência e sem tensão, até para poder construir uma relação de intimidade com a mãe.

Nesse cenário, as mídias digitais podem ter pontos negativos: deixar as mães desorientadas com tantas informações e opiniões contraditórias; desconectar as mães da própria intuição e deixá-las mais ansiosas e agitadas para o exercício da maternagem.

Ainda assim, as mídias digitais podem apresentar pontos positivos: algumas queixas e dúvidas urgentes das mães são respondidas prontamente pelas demais membros do grupo, o que alivia a angústia dessas mães; a troca de informações online entre as mães representa um instrumento de aproximação e um lugar de pertencimento, um recurso contra a solidão materna; suprem a necessidade das mães de se comunicar com outras mulheres-mães e, em se tratando de mundo contemporâneo, a necessidade de conexão com o outro; é um espaço em que as mães podem ter contato com suas próprias angústias e podem se conscientizar de seus sofrimentos para eventualmente buscar uma análise.

Além de tudo o que foi relatado, parece que as respostas para as perguntas no grupo do Facebook são insuficientes e superficiais, não atendendo às reais necessidades das mães. Assim, consideramos que as contribuições de Winnicott às mães transmitiam mais segurança e confiabilidade, o que não encontramos nas conversas do grupo de mães do Facebook.

Sendo assim, pensamos em uma proposta de intervenção terapêutica com o projeto de um grupo terapêutico presencial para mães, que vise o cuidado e a promoção de saúde mental. Esse trabalho será realizado por meio de rodas de conversas conduzidas por esta pesquisadora e psicanalista, com uma comunicação afetiva e em um ambiente suficientemente bom, que inicialmente proporá um tema como gatilho dos diálogos entre as mães. Nos encontros seguintes, serão abordados temas sugeridos pelas próprias mulheres-mães nos encontros anteriores, com a mediação desta pesquisadora. Usar alguma mediação de materialidade que desperte o lado lúdico e prazeroso das mulheres envolvidas é uma possibilidade.

Haverá também palestras ministradas por esta pesquisadora e psicanalista com temas relacionados à maternidade, uma vez que é um acontecimento transformador para a mulher.

Assim, essa proposta de intervenção terapêutica favorecerá não apenas as mães e suas famílias, como também a sociedade, visto que os cuidados maternos têm uma função social por promoverem um amadurecimento saudável do indivíduo e, conseqüentemente, uma sociedade melhor. Para que haja um desenvolvimento em nível civilizatório, os países devem investir mais na visibilidade, na conscientização e no reconhecimento social das mães, da função materna, dos cuidados com os filhos. E, para isso, é preciso também que sejam repensadas as redes de apoio às mães: a familiar, a doméstica, a profissional e a estatal.

Lembrando as palavras de Winnicott ([1957/2011, p. 119) ao enfatizar a importância dos cuidados maternos suficientemente bons tanto para a saúde mental do indivíduo como para a sociedade:

toda pessoa feliz tem um débito infinito para com uma mulher. [...] Eu enfatizaria, uma vez mais, que o resultado de tal reconhecimento – quando ele aparece – não vai ser a gratidão, nem elogios. O resultado vai ser a diminuição em nós mesmos de um medo. Se nossa sociedade retardar o reconhecimento pleno dessa dependência, que é um fato histórico no estágio inicial do desenvolvimento de cada indivíduo, haverá um bloqueio tanto no progresso quanto na regressão, um bloqueio que se baseia no medo. Se o papel da mãe não for verdadeiramente reconhecido, então permanecerá um medo vago da dependência.

Por fim, entendemos que, muito embora os meios de comunicação mais utilizados de determinada época contribuam para divulgar a cultura dos cuidados maternos, as mães podem ser mães suficientemente boas se se entregarem à experiência da maternagem de forma espontânea. É pela experiência que elas podem acreditar em si mesmas, evoluir como seres humanos e tornar rica a personalidade de seus filhos. Para isso, é preciso que as mães tenham um tempo suficientemente bom com o bebê ou a criança, um tempo tranquilo, calmo e prazeroso.

Concluimos também que a maternidade exige mais que cuidados terapêuticos; é necessário ser compreendida como uma função de qualquer adulto que tenha capacidade de se responsabilizar por uma criança, e não somente ser atribuída à mulher que gesta. Apesar de Winnicott ter dirigido suas palestras às mães, vez ou outra mencionava pai e mãe. Mas, naquela época, os cuidados maternos se concentravam muito na figura da mãe. Na cultura brasileira, é possível visualizar maior interesse dos pais em exercer a função materna. No entanto, as mulheres ainda são as mais responsabilizadas, cobradas, sobrecarregadas e solitárias nos cuidados dos filhos. Pensamos que a cultura de “o filho é da mãe” contribui para o desamparo, o arrependimento, a exaustão, a frustração e a desistência das mães da maternidade.